



UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO EM METODOLOGIAS ATIVAS

CARMITA LUZIA TOMAZ

**METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DIALÓGICAS NO
PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Petrolina-PE

2024

CARMITA LUZIA TOMAZ

**METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DIALÓGICAS NO
PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Petrolina, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Carvalho da Silva

Petrolina - PE

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
CURSO DE GRADUAÇÃO/PÓS-GRADUAÇÃO EM METODOLOGIAS
ATIVAS


FOLHA DE APROVAÇÃO

CARMITA LUZIA TOMAZ

METODOLOGIAS ATIVAS E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DIALÓGICAS
NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA


Trabalho apresentado à Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, Campus Petrolina, como requisito para obtenção do título de Especialista em Metodologias Ativas.

Aprovado em: 10 de janeiro de 2024.


Documento assinado digitalmente
 **FABRÍCIO CARVALHO DA SILVA**
Data: 29/01/2024 23:01:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Banca Examinadora

Fabício Carvalho da Silva – Doutor, Professor Formador Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Documento assinado digitalmente
 **DAISY LIMA DE SOUZA SANTOS**
Data: 26/01/2024 14:46:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Daisy Lima de Souza Santos – Mestre, Professora Formadora Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF)

Documento assinado digitalmente
 **WANDERSON DE VASCONCELOS RODRIGUES DA SILVA**
Data: 24/01/2024 11:20:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Wanderson de Vasconcelos Rodrigues da Silva – Doutor, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)

METODOLOGIAS ATIVAS NA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DIALÓGICAS NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO HUMANA

Resumo

A educação é uma ferramenta de construção e transformação social. Ela consegue, por meio dos seus ideais emancipatórios, levar os sujeitos à liberdade e, é devido a isso que esta é objeto de interesse dos grupos antagônicos da sociedade, que, em meio às lutas diárias de controle da massa, enxerga na escola, no ensino, a possibilidade de executar seus projetos. Dessa maneira, o desenvolvimento de práticas educativas que se distanciem da alienação dos sujeitos e os aproximem da emancipação por meio da aquisição de habilidades crítico-reflexivas, são sugeridas como princípios básicos. Neste intento, as metodologias ativas, caracterizadas por métodos de trabalhos que posicionam os estudantes como protagonistas, ativos no seu processo de ensino e aprendizagem, surgem como alternativas eficazes e que mantem relação próxima com esse processo emancipatório. Sendo assim, o presente objetiva analisar e discutir sobre a proximidade entre as concepções de Metodologias ativas e a educação emancipadora na promoção da liberdade humana, e figura-se como uma pesquisa qualitativa, com o intuito de revisar as produções bibliográficas que tenham o mesmo objeto de investigação. Neste sentido, uma educação que permita o acesso à consolidação da emancipação humana, capaz de transformar o cenário estrutural enrijecido pelas práticas discriminatórias de grupos estratégicos, é o horizonte que se enxerga e se deseja alcançar todos os dias.

Palavras-chave: Educação; Prática emancipadora; Metodologias ativas; Liberdade.

Abstract

Education is a tool for social construction and transformation. It manages, through its emancipatory ideals, to lead subjects to freedom and, because of this, it is an object of interest for antagonistic groups in society, which, in the midst of the daily struggles for control of the masses, see the school, the teaching, the possibility of executing your projects. In this way, the development of educational practices that distance themselves from the alienation of subjects and bring them closer to emancipation through the acquisition of critical-reflexive skills are suggested as basic principles. In this attempt, active methodologies, characterized by work methods that position students as protagonists, active in their teaching and learning process, emerge as effective alternatives that maintain a close relationship with this emancipatory process. Therefore, this objective is to analyze and discuss the proximity between the concepts of active methodologies and emancipatory education in the promotion of human freedom, and appears as a qualitative research, with the aim of reviewing bibliographical productions that have the same object of investigation. In this sense, an education that allows access to the consolidation of human emancipation, capable of transforming the structural scenario made rigid by the discriminatory practices of strategic groups, is the horizon that we see and want to achieve every day.

Key words: Education; Emancipating practice; Active methodologies; Freedom.

1. INTRODUÇÃO

Entende-se que o modelo de educação tradicional, com aulas mnemônicas, exclusivamente expositivas, na qual o professor assume a postura de transmissor do saber, enquanto o estudante é posto no papel de coadjuvante, neutro e passivo, já não satisfaz mais às demandas da sociedade do século XXI.

O ensino totalmente tradicional, enrijecido pela ideia de uma sala de aula homogênea, com os papéis dos sujeitos que compõem o processo de ensino e aprendizagem, pré-estabelecidos por uma estrutura que despreza o saber do aluno e o enxerga enquanto vazio, à espera dos conhecimentos a serem depositados em suas mentes (Freire, 2015), é insuficiente e não condiz com o ideal de escola que, além de ter a função educadora, possui também função social, pois forma indivíduos para conviver em sociedade, e por isto, é preciso que estes sejam capazes de refletir criticamente, gozar de autonomia e lucidez, distanciando-se da alienação.

Em decorrência disso, o ensino nas escolas da atualidade precisa se ressignificar, pautando-se, em aulas dinâmicas e construtivas, em que o aluno assuma uma posição de sujeito ativo na produção de sua aprendizagem. A discussão em torno dessa nova configuração da sala de aula, tem sido ampliada através de vários estudos, com pauta, principalmente na utilização de metodologias ativas que incentivem a criatividade e o desenvolvimento de habilidades a partir do “aprender fazendo”, que, inclusive, tem em John Dewey e outros estudiosos do movimento que ficou conhecido no século XIX como Escola Nova, seus principais percussores. É neste sentido que se questiona, qual a aproximação entre as concepções de Metodologias ativas e a educação como processos de emancipação humana?

Na tentativa de respostas à esta inquietação, o presente artigo objetiva analisar e discutir sobre a proximidade entre as concepções de Metodologias ativas e a educação para a emancipação humana. Dessa forma, o presente estudo figura-se como uma pesquisa de cunho qualitativo, a qual analisou produções bibliográficas que tenham o mesmo objeto de investigação. A pesquisa torna-se relevante por ter como foco de estudo, uma temática que, na atualidade, tem sido alvo de olhares curiosos dos professores, ao mesmo tempo que parece ser uma aposta dos órgãos educacionais na promoção de melhorias no ensino ofertado pelos sistemas educacionais do país.

O artigo poderá servir de consulta para quem deseja ampliar seus conhecimentos sobre as metodologias ativas e sua relação com a educação, a fim de perceber em quais quesitos estes dois conceitos se aproximam quando o objetivo é a emancipação do sujeito. Além da introdução, ele está estruturado em quatro seções, sendo os aspectos metodológicos, no qual apresenta-se o percurso seguido na realização da pesquisa, seguida da seção intitulada “Educar para emancipar o sujeito: uma concepção freiriana”, a qual buscou realizar um apanhado sobre os sentidos dados ao ato de educar enquanto caminho para a emancipação do homem, baseado nas concepções de Paulo Freire, principal expoente na discussão sobre a temática. Após, seguem os resultados do trabalho, com vistas a realizar um diálogo com as discussões dos autores anteriores na pesquisa sobre a interrelação entre as metodologias ativas e a educação. Na última seção, realiza-se as considerações finais sobre o assunto discutido, bem como, ressalta as observações feitas durante a execução do trabalho. Por fim, apresenta-se as referências utilizadas como embasamento teórico para as discussões.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho encontra-se alicerçado na abordagem de pesquisa chamada de qualitativa, que segundo Minayo (2001, p.22) “trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Considerado também um estudo de base bibliográfica, presou-se pela busca de livros, artigos e outros trabalhos acadêmicos que discutissem sobre o mesmo objeto de investigação. Sobre isso, Gil (2002) pondera que ela pode ser entendida como um processo que envolve várias etapas, entre elas:

- a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto (GIL, 2002, p. 60).

Na busca pelas produções que embasariam as discussões sobre as metodologias ativas e a educação como interfaces próximas para conseguir a emancipação humana, presou por obras literárias físicas e também em ambiente virtual. Na seleção daquelas que

melhor atendessem aos objetivos da pesquisa, seguiu-se algumas etapas. A primeira foi a leitura dos títulos e resumos, nos casos de obras físicas, observando os autores e sua relação com a investigação do objeto de estudo do presente artigo. Quando em meio eletrônico, utilizava-se palavras-chaves referentes ao tema dessa pesquisa (Metodologias ativas, educação, emancipação humana), a fim de identificar trabalhos com discussões semelhantes, após, lia-se os seus títulos e resumos. Os sites utilizados nesta busca foram o Google Acadêmico e SciELO Brasil. Além de acervos online de Universidades Federais e Estaduais, como a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Universidade Federal de Goiás e a Universidade Estadual do Ceará.

Dessa forma, toda a pesquisa foi desenvolvida com vistas a responder à questão investigativa que norteou toda a sua produção, e que se encontra diluída no decorrer das páginas deste artigo.

3. EDUCAR PARA EMANCIPAR O SUJEITO: UMA CONCEPÇÃO FREIRIANA

Sobre a educação, segundo Martins (2005), o termo que deriva do latim “*Educare*”, que significa nutrir, criar, fazer crescer. Epistemologicamente, possui o significado de “trazer à luz a ideia”. Enquanto que a palavra emancipar, segundo o novo dicionário de Língua Portuguesa (2010, p. 691), significa “Eximir do poder paterno ou da tutoria (uma pessoa de menor idade). Fig. Libertar. Isentar. (Lat. *emancipare*)”.

As definições apresentadas dialogam inteiramente com a concepção de Paulo Freire sobre a educação como uma ferramenta de emancipação humana. Neste caso, o ato de educar, está muito além do simples ensinar algo, transmitir os conhecimentos que são historicamente acumulados e construídos pelas ciências. A atitude educativa, está, conforme discussões de Freire (1967), a serviço da liberdade humana. Liberdade esta que acontece de maneira contínua, à medida que o sujeito consegue sua autonomia, apodera-se da capacidade de refletir e enxergar além do que está visível aos olhos. Essa habilidade, é uma consequência de um processo educativo que transcende o aprender por aprender e caminha em direção à aprendizagem significativa, verdadeira e consciente.

Sendo Paulo Freire considerado o patrono da educação brasileira e principal crente da educação como princípio emancipatório, é preciso retomar ao seu percurso histórico e

apresentar ao leitor, quem foi este celebre pensador, assim, acredita-se que a leitura compreensiva do que está sendo discutido se tornará mais precisa.

Paulo Paulo Reglus Neves Freire, nasceu em 1921, em Recife, Pernambuco, estado situado na região Nordeste do Brasil. Sua história está atrelada aos entraves da luta pelo direito dos sujeitos à educação. Conhecido por seus atos em prol da libertação da minoria, excluída dos avanços socioeconômicos da sociedade, Freire se tornou educador em meados dos anos 1940, quando decide seguir a carreira de professor de Língua Portuguesa (Nunes; Santclair; Silva, 2021).

Entre seus maiores feitos, está seu envolvimento com a alfabetização de pessoas adultas. Ao tornar-se Diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade de Recife realizou sua mais notável ação com a educação brasileira. Paulo Freire, juntamente com sua equipe, conseguiu alfabetizar em 45 dias, cerca de 400 cortadores de cana em Angicos, região localizada no interior do Rio Grande do Norte. Para o feito, Freire utilizou-se de um método desenvolvido por si mesmo, no qual, observava a realidade experienciada pelos estudantes para chegar à sua alfabetização. Com essa prática, o educador que desde cedo estava envolto das questões socioeducativas, ganhou destaque entre as personalidades do cenário educacional do país naquele período. Vale ressaltar que a situação político-social da nação passava por extensas mudanças e a educação estava entre as demandas urgentes no plano de governo do atual presidente João Goulart (Costa, 2016).

A preocupação com a decadência no setor educativo brasileiro em meados dos anos 1960, aliada a notoriedade dada ao método desenvolvido por Freire, colocou-o em evidência junto à nova roupagem dada aos números referentes à educação do país. Via-se na estratégia freiriana, a oportunidade de conseguir afastar o Brasil dos altos índices de analfabetismo e tentar chegar às pretensões de desenvolvimento que já se tornara realidade em outros países.

Munido por investimentos financeiros, a alfabetização pensada por Paulo Freire recebeu olhares cobiçosos do governo brasileiro, sendo este consagrado como método de ensino utilizado no Pano Nacional de Educação e sendo exportado para outras nações (Nunes; Santclair; Silva, 2021). Porém, a situação política do Brasil, devido à instabilidade ocasionada pelo golpe militar de 1964 e pressões da elite local, desencadeou a interrupção dos planos educativos galgados para o país. Com a implantação da Ditadura Militar e seus

ideais conservadores, elitistas e dominadores, o Projeto de emancipação do sujeito por meio da alfabetização da massa foi interrompido e substituído por novas concepções de educação, o qual, entre elas estava a ideia de manutenção de uma educação que ao invés de tornar o sujeito livre, crítico-reflexivo, tornava-o alienado.

Todo esse cenário orquestrado pelos líderes militares, sob influência da elite local e estrangeira, bem como, munidas pelo medo da “investida comunista”, tornara a massa populacional brasileira refém de um novo projeto de nação, que dispensava a construção de uma sociedade ativa, conhecedora de seus direitos e deveres, e sobretudo, conscientes de seus lugares sociais. A visão implementada naquele período era a de que a educação não precisava assumir o papel de “conduzir o ser para fora”, ou seja de leva-lo a buscar pelo conhecimento verdadeiro da realidade que o cerca, mas sim, preocupar-se somente com o ensinar conteúdos vazios de criticidade. Assim, a concepção freiriana se tornaria um “perigo” aos planos ideológicos do grupo político e, portanto, deveria ser reconfigurada com os moldes que os interessavam.

É mister esclarecer que a história em torno da disputa pelo Projeto de educação da massa, com destaque para a atuação e perseguição ao patrono Paulo Freire é extensa demais para se esgotar em apenas uma seção, contudo, é imprescindível reconhecer que durante todo o percurso de desenvolvimento da educação no nosso país, ela sempre esteve marcada por interesses diversos. A luta pelo domínio desse pilar da sociedade sempre contou com dois grupos antagônicos, os que querem dominar e aqueles que, mesmo que de forma indireta, lutam pela não dominação. Isso recai, mais uma vez, sobre os escritos de Freire (2018), que, ao discutir sobre o papel desses dois atores na arena de disputa, aponta a existência dos oprimidos e dos opressores no cenário sociopolítico de uma sociedade.

Conforme aponta o autor, há compulsoriamente, um entrave em que a violência do opressor deve ser combatida pelo oprimido, mas este precisa, quando conseguir, se colocar em uma posição de igualdade e não de superioridade. Essa condição não é simples, dada a essência humana. Todavia, o oprimido, ao se valer da vitória sobre o opressor, deve distanciar-se de se tornar opressor do opressor e restaura a humanização em ambos os lados (Freire, 2018). Ainda sobre isso, Freire (2018, p.57) diz:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o

segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação.

Em outra obra de grande valia para os estudos sobre emancipação do sujeito por meio da educação, “Pedagogia da Autonomia”, Freire (2015) pondera sobre a construção da consciência e o lugar da educação nesta tarefa. Conforme o autor, os professores precisam ter ciência do que devem ensinar e quais objetivos desejam alcançar no processo de ensino e aprendizagem. Essa concepção baseará o ensino quando tido como um caminho para se alcançar a transformação social, a igualdade entre os sujeitos e a participação coletiva deles no direito à educação, que inclusive, necessita ser acolhedora, de forma a incluir todos os indivíduos.

O rigor metodológico deve ser utilizado a favor da aprendizagem e o ato de educar deve ser realizado tendo por base o respeito ao educando, sua concepção de mundo e o diálogo. O professor autoritário deve abrir caminho para aquele que respeita o seu aprendiz e valoriza-o enquanto quem está em um processo inacabado, como pode ser visto no trecho a seguir.

É neste sentido que o professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto, tanto quanto o professor licenciado rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua inconclusão assumida em que se enraíza a eticidade. É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência (Freire, 2015, p.34)

Outros autores, sob a luz dos ideais proferidos por Freire, abordam a educação como fator preponderante na emancipação humana. Segundo Costa (2016), a concepção freiriana de educação libertadora não se restringe apenas ao ato de aprender a ler e escrever, que como práticas do letramento humano, são essenciais para a construção dos conhecimentos exigidos a aquele que carrega consigo o título de alfabetizado, porém, não são os únicos requisitos que dão ao sujeito o “diploma” de pessoa livre. Muito mais que isso, a liberdade, ato defendido por Freire na consolidação da aprendizagem do indivíduo, deve estar associada ao seu entendimento enquanto o papel que assume mediante a estrutura social predominante. Além disso, está atrelada a consciência do sujeito de sua atuação frente ao que é posto e imposto a ele na conjuntura que se entende aqui como campo de disputa.

Dessa forma, a educação que torna as pessoas isentas das amarras impostas pelo grupo contrário à liberdade da massa, é, de acordo aos escritos de Freire, aquela que considera não apenas os saberes das ciências, mas também a construção humana do indivíduo, seus saberes experienciais, suas vivências e sua atuação prática. A valorização da participação ativa do sujeito no seu processo de ensino e aprendizagem é uma das bases para a consolidação do conhecimento de quem está na condição de aprendiz.

Opondo-se aos métodos tradicionais de ensino, que considera o professor como o único detentor do saber, mestre inquestionável na sala de aula, as discussões de Freire (1967; 2015) apontam para efetiva utilização de metodologias de trabalho na docência, que considere a ação do estudante, seu interesse pelo que está sendo discutido e sua participação na condução do conhecimento que é gerado na sala de aula. Além disso, defende a valorização do papel do docente e discente como agentes de transformação do ensino. O saber docente não perde sua validade diante do saber (mesmo que não científico) do aluno, pelo contrário, os dois são vistos como potenciais na aprendizagem, portanto, não há invalidação de nenhum sujeito nessa perspectiva de educação. A construção se faz em ambos os lados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade transforma-se a cada dia. Junto a ela, como autor e ator, os sujeitos acompanham e realizam essas modificações e ao mesmo tempo se transformam. Caminhando na mesma direção, a educação como composição dessa sociedade, também constrói e se reconstrói em cada período da história. Atualmente, no século XXI, essas mudanças tem se apresentado de forma mais acentuada, aligeirada, cabendo à escola uma nova configuração para o ensino.

Com as rápidas mudanças das últimas décadas, tem-se exigido dos sistemas de ensino, uma reconfiguração da sala de aula, de modo a acompanhar as mudanças ocorridas na sociedade em geral. Práticas pedagógicas engessadas, estagnadas no tempo já não são suficientes para atender aos desafios do novo milênio. É neste interim que as metodologias ativas surgem como potenciais estratégias na tentativa de alterar a estrutura de um ensino defasado, descontextualizado da realidade dos estudantes para um ensino contemporâneo, que vise práticas mais criativas e envolventes.

As metodologias ativas são caracterizadas por métodos de trabalhos que posicionam os estudantes como protagonistas, ativos no seu processo de ensino e aprendizagem, pensadores autônomos que constroem e compartilham o conhecimento, deixando de ser apenas ouvintes e tornando-se atores reconhecidos como indivíduos dotados de saber. Essa concepção está atrelada ao conceito de “aprender fazendo”, criado e discutido por John Dewey, filósofo norte-americano, principal representante da pedagogia ativa que ganhou destaque na década de 1930. Conhecida também por learning by doing a estratégia metodológica de Dewey, tende a dar novos sentidos à prática pedagógica do professor, que, de maneira consciente, abre espaço para o protagonismo discente ao planejar e executar aulas com ênfase na participação ativa dos estudantes, sendo comumente utilizada nas Universidades com cursos voltados à saúde Bacich e Moran (2018).

As metodologias ativas assim como o learning by doing destacam-se pela proposição de aulas didáticas, envolventes, que permitam a aquisição de conhecimentos através da experiência e da curiosidade em aprender do aluno, já que ele é colocado como ator principal de sua aprendizagem. O docente assume a responsabilidade de mediar todo o processo, orientando os estudantes no momento ideal, a fim de que eles alcancem os objetivos pretendidos com a atividade. O quadro abaixo contém alguns princípios basilares das metodologias ativas, de acordo com Diesel, Baldez e Martins (2017).

Figura 1 – Princípios das metodologias ativas



Fonte: Diesel, Baldez e Martins (2017, p.273).

Conforme a imagem, nas metodologias ativas, o aluno é quem assume o centro, sendo ele e a sua aprendizagem o cerne de atuação do professor na sala de aula. Este, por sua vez, coloca-se como mediador, um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, já que, com essa metodologia, o estudante é promovido à sujeito atuante na sua aprendizagem, de maneira autônoma, crítica e reflexiva, o que converge com o conceito de metodologia ativa discutido por Bacich e Moran (2018). Segundo os autores, o conceito de metodologia ativa “se caracteriza pela inter-relação entre educação, cultura, sociedade, política e escola, sendo desenvolvida por meio de métodos ativos e criativos, centrados na atividade do aluno com a intenção de propiciar a aprendizagem” (Bacich e Moran, 2018, p.17).

Para Luchesi, Oliveira e Santos (2022, p.15),

nas metodologias ativas, o professor atua como facilitador no processo de ensino-aprendizagem. Suas funções são as de provocar, construir, compreender e refletir, junto com o aluno, para orientar, direcionar e transformar a sua realidade. O aluno, em contrapartida, é o centro do processo, deve ter uma postura ativa, trabalhar com a autoaprendizagem, curiosidade, pesquisa e tomada de decisões, bem como gozar de autonomia e reflexão para que desenvolva uma atitude crítica e construtiva que o prepare à prática profissional (Luchesi; Oliveira; Santos, 2022, p.15).

Essas metodologias são compostas de estratégias que se distancia do ensino tradicional, a qual matem o professor como único detentor do saber, principal agente na sala de aula. Valente, Almeida e Geraldini (2017), definem-nas como:

[...] estratégias pedagógicas para criar oportunidades de ensino nas quais os alunos passam a ter um comportamento mais ativo, envolvendo-os de modo que eles sejam mais engajados, realizando atividades que possam auxiliar o estabelecimento de relações com o contexto, o desenvolvimento de estratégias cognitivas e o processo de construção de conhecimento. (Valente; Almeida; Geraldini, 2017, p. 464)

É importante frisar, que, o conceito de metodologias ativas, da maneira como os autores o apresenta, dialoga com as discussões realizadas por Paulo Freire (2015) e sua concepção de educação emancipadora. Conforme o autor, o ensino voltado à construção de saberes não está pautado somente na figura do professor que se coloca indiferente ao conhecimento do estudante, percebendo o sujeito enquanto ser que não traz consigo sua bagagem de experiências, de saberes. A relação que deve ser estabelecida entre o docente e o aprendiz deve ser a do diálogo, do respeito e a do reconhecimento da realidade do aluno como ponto de partida para a aquisição de outros conhecimentos.

Corroborando com essa definição de Freire (2015), os apontamentos de Berbel (2011), reafirma a condição das metodologias ativas como ferramenta capaz de posicionar o aluno frente à sua aprendizagem. Para o autor:

O engajamento do aluno em relação a novas aprendizagens, pela compreensão, pela escolha e pelo interesse, é condição essencial para ampliar suas possibilidades de exercitar a liberdade e a autonomia na tomada de decisões em diferentes momentos do processo que vivencia, preparando-se para o exercício profissional futuro (Berbel, 2011, p 29).

É mister dizer que não se pode falar em metodologia ativa no singular, e sim em metodologias ativas, pois esta abrange um leque de métodos procedimentais com características e objetivos próprios, possuindo em comum o protagonismo discente. Dessa forma, as metodologias ativas são caracterizadas por seu princípio ativo, de favorecimento à participação do aluno na sua própria aprendizagem durante todas as etapas do processo (Santos e Castaman, 2022).

Ainda segundo Santos e Castaman (2022), variados métodos podem ser considerados métodos ativos, no entanto, precisam ter como base de desenvolvimento a participação ativa do estudante no processo de ensino e aprendizagem, “assim, qualquer prática pedagógica planejada e contextualizada para guiar o estudante em seu papel de ator ativo pode ser considerada uma metodologia ativa” (Santos e Castaman, 2022, p.342).

Baseado nessa concepção, Barros, Santos e Lima (2017) afirmam que as metodologias ativas atravessam uma diversidade de ferramentas e todas tendem a auxiliar o estudante no desenvolvimento de habilidades comunicativas, na promoção da responsabilidade, da curiosidade, da postura de liderança, o respeito aos colegas, entre outras. Suas ramificações são amplas e configuram-se de acordo aos objetivos e metas que se deseja alcançar. São exemplos de metodologias ativas, conforme Lovato *et al* (2018).

Quadro 1 – Metodologias ativas na educação.

Metodologia ativa	Execução
<p>Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem-Based Learning – PBL)</p>	<p>Divisão dos grupos de trabalhos e apresentação da situação-problema ao grupo de estudantes que tentam solucioná-lo por meio de seus conhecimentos prévios; Identificação dos aspectos do problema que não foram possível compreender; Organizam e planejam como resolver as questões que ficaram por compreender; Revisitam as questões não compreendidas e tentam reponde-las, agora, com base nos novos conhecimentos adquiridos a partir das pesquisas feitas; Por fim, os grupos se autoavaliam e avaliam o desenvolvimento da atividade, as aprendizagens, os pontos positivos e negativos.</p>
<p>Problematização</p>	<p>Muito semelhante a Aprendizagem baseada em problemas; Identificação inicial do problema pelos estudantes a partir de suas realidades vivenciadas; tentativa de resolução.</p>
<p>Arco de Maguerez</p>	<p>Observação da realidade e identificação do problema; Definição dos pontos a serem analisados; Teorização do problema; levantamento das hipóteses de resolução da problemática; Aplicação dos resultados à realidade.</p>
<p>Aprendizagem Baseada em Projetos (Project-Based Learning)</p>	<p>Divisão dos grupos de trabalhos com número reduzido; Prazos bem definidos e claros; colcha dialogada dos temas</p>

	(professor e alunos devem entrar em um acordo); Utilização dos recursos disponíveis e busca por outros plausíveis; Socialização dos resultados.
Aprendizagem Baseada em Times (Team-Based Learning – TBL)	Divisão de grupos heterogêneos de até 8 alunos, que deve ser mantida durante toda a execução da atividade; Delimitação do tema a ser debatido, sugerido pelos próprios alunos; Levantamento das questões a serem discutidas; Compartilhamento das respostas com a turma, por meio da revisão das questões levantadas.
Instrução por Pares (Peer-Instruction)	Divisão da turma em pares, duplas bem distintas. Definição dos temas/conteúdo a serem discutidos; Discussão entre as duplas de forma que os dois estudantes da dupla apresentem o conteúdo ao colega; Compartilhamento dos resultados.
Sala de Aula Invertida (Flipped Classroom)	Comunicação da aula e envio dos conteúdos aos estudantes feito pelos professores de maneira prévia; Estudo dos materiais disponibilizados; Realização da aula, iniciando-se com a participação total dos estudantes, que podem apontar as dúvidas que surgiram ao ler os materiais ou realizar colocações a respeito do que compreenderam.

Fonte: adaptado de Lovato *et al* (2018).

Estas são apenas algumas das metodologias ativas que podem ser utilizadas na sala de aula para uma prática pedagógica que reafirme a condição proativa do estudante. Os

desafios “impostos” aos educandos pedem resoluções que dependem de suas atitudes criativas, de seus conhecimentos prévios, da realidade experienciada por estes, portanto, exige curiosidade, pesquisa, conforme discussão de Freire (2015) e Demo (2006). Este segundo autor, defendia a pesquisa como um princípio educativo, tendo em vista que entendia a aprendizagem significativa a partir da contemplação de situações as quais os sujeitos consigam propor, questionar, criticar e refletir sobre.

É fato também que as metodologias ativas estão muito próximas das tecnologias da Informação e Comunicação, principalmente ao se observar a imersão dos estudantes, e conseqüentemente, da escola, na cultura digital. Este fenômeno, que, na atualidade está presente em basicamente todos os espaços sociais, integra as práticas educativas de diversos modos. Sua adequação às metodologias de trabalho dos professores está relacionada à desmistificação do livro didático enquanto único recurso na sala de aula.

Com as TICs ou as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) o acesso à informação torna-se mais rápida, e, em alguns casos, mais acessível, por isso, se bem utilizadas, podem ser consideradas importantes aliadas do professor junto às metodologias ativas, em decorrência, sobretudo, à disponibilidade de fontes a serem consultadas no momento de estudo, que, inclusive, pode ser realizado fora do ambiente escolar.

Sobre isso, Almeida e Valente (2012) apontam que,

por meio da mediação das tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento do currículo expande para além das fronteiras espaço-temporais da sala de aula e das instituições educativas; supera a prescrição de conteúdos apresentados em livros, portais e outros materiais; estabelece ligações com os diferentes espaços do saber e acontecimentos do cotidiano; e torna públicas as experiências, os valores e os conhecimentos, antes restritos ao grupo presente nos espaços físicos, onde se realizava o ato pedagógico. (Almeida; Valente, 2012, p. 60).

Corroborando-se com a defesa dos autores, contudo, é preciso desmistificar também, a ideia de que as metodologias ativas possuem caráter dependente da utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs). É fato que, no cenário atual, a cultura digital faz parte do cotidiano escolar, e que algumas metodologias carecem de auxílio das TDICs no processo de aplicação, porém não é um pré-requisito para todas. Conforme Bacich e Moran (2018), a concepção de Metodologia Ativa surgiu antes das TDICs, aliada aos preceitos da Escola Nova de William James, John Dewey e Édouard

Claparède, pautada na defesa de um ensino que considerasse a experiência e o desenvolvimento da autonomia do estudante por meio da aprendizagem.

O campo de atuação das metodologias ativas é amplo demais para restringir sua incorporação ao uso de aparelhos digitais e informacionais e por isso, são consideradas excelentes ferramentas de auxílio à prática pedagógica do professor. Sua capacidade está atrelada ao desenvolvimento de aulas mais dinâmicas e autênticas, nas quais os estudantes assumam o papel de protagonistas de sua aprendizagem, perfazendo o que autores como Berbel (2011) aponta enquanto uma das possibilidades que tornam as metodologias ativas um catalizador de saberes. Elas possuem “o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor” (Berbel, 2011, p.28).

As metodologias ativas são reconhecidas pelo quantitativo de possibilidades de trabalho. Elas são estratégias de ensino que, se bem utilizadas, podem se tornar potenciadores da aprendizagem discente, e ao serem provocados, desenvolvem habilidades autônomas e criativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A simbiose entre as metodologias ativas e a emancipação humana, ocorre por intermédio da educação, que, por ventura, possui na última, sua maior ambição. Emancipar possui relação com os processos educativos pautados em métodos que vão além do transmitir conhecimento. Ela tem a ver com o ensinar para e pela liberdade do sujeito frente as amarras impostas pelos atores dominantes na sociedade, sendo estes, os responsáveis pela estruturação de um cenário no qual a massa é dominada por uma minoria com projetos elitistas e excludentes. A luta inevitável pelo “desfazer dos nós” é o que mantém a arena social em que, somente a educação como princípio emancipatório consegue ser a arma que defende os interesses do grupo marginalizado, oprimidos pelos ideais de submissão dos que oprimem.

É neste intento que se defende a implementação de novas práticas, novas atitudes pedagógicas que não destoe dos ideais pretendidos para a construção de uma sociedade mais igualitária, consistente e constituída de sujeitos diligentes, capazes de perceber e se

perceber no ambiente em que habita, conscientes dos embates e das ações sociais coletivas de caráter sociopolítico que sempre existiram na história, e para além disso, que compreendam que sempre será imperial um pensar e um fazer reflexivo e acentuado perante a elas. Neste caminho, as metodologias ativas que estão a cada dia superando a visão pragmática da educação engessada pelos moldes tradicionais, é concebida como uma alternativa eficaz na promoção do ensino que conduz o indivíduo/estudante à sua formação reflexiva, emancipada e condizente com as necessidades da sociedade atual.

Neste sentido, uma educação que permita criar possibilidades de acesso à consolidação da emancipação humana, capaz de transformar o cenário estrutural enrijecido pelas práticas discriminatórias de grupos estratégicos é o horizonte que se enxerga e se deseja alcançar em todos os momentos. Educar e emancipar são conceitos que se entrelaçam, dialogam e devem seguir a mesma via, e as metodologias ativas, seguindo seu propósito de defesa da autonomia e do protagonismo discente condiz com essa empreitada tão necessária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B; VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.3, p.57-82, Set/Dez 2012.

Disponível em: http://www.waltenomartins.com.br/pmd_aula1_art01.pdf. Acesso em: 03 dez. 2024.

BACICH, Lilian; Moran, José. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto alegre: penso, 2018.

BARROS, K.B.N.; SANTOS, S.L.F.; LIMA, G.P. Perspectivas Da Formação No Ensino Superior Transformada Através De Metodologias Ativas: uma revisão narrativa da literatura. **Revista Conhecimento Online**, v. 1, p. 65-76, mar. 2017. Disponível em:

<https://doi.org/10.25112/rco.v1i0.472>. Acesso em: 01 dez.2024.

BERBEL, N. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 25–40, 2012.

DOI: 10.5433/1679-0383.2011v32n1p25. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326>. Acesso em: 3 jan. 2024.

COSTA, Bruno Botelho. Paulo Freire: educador-pensador da libertação. **Pro-Posições** | v. 27, n. 1 (79) | p. 93-110 | jan./abr. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pp/a/pdZz6q8xSKKLV5GPMrKqgZb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 dez.2024.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006, 128p.

DIESEL, A.; SANTOS BALDEZ, A. L.; NEUMANN MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017. DOI: 10.15536/thema.14.2017.268-288.404. Disponível em:

<https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404>. Acesso em: 3 jan. 2024

FIGUEIREDO, Candido. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. April 2, 2010.

Disponível em: Acesso em: 2 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66^o ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**: 51^o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em:

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 2 jan.2024.

LOVATO, Fabricio Luís *et al.* Metodologias Ativas de Aprendizagem: uma Breve Revisão. **Acta Scientiae**, v.20, n.2, mar./abr. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/acta/article/view/3690/2967>. Acesso em: 27 out. 2023.

LUCESI, Bruna Moretti; LARA, Ellys Marina de Oliveira; SANTOS, Mariana Alvina dos. **Guia prático de introdução às metodologias ativas de aprendizagem**, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/4667/6/4%20%20GUIA%20PR%C3%81TICO%20DE%20INTRODU%C3%87%C3%83O%20%20C3%80S%20METODOLOGIAS%20ATIVAS%20DE%20APRENDIZAGEM.pdf>>. Acesso em 12 ago. 2023.

MARTINS, Evandro Silva. A ETIMOLOGIA DE ALGUNS VOCÁBULOS REFERENTES À EDUCAÇÃO. **Olhares & TrilhaS**, Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 31-36, 2005. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharetilhas/article/download/3475/2558/12930#:~:text=Educare%2C%20no%20latim%2C%20era%20um,da%20vir%2D%20tualidade%20%C3%A0%20realidade>. Acesso em: 29 dez.2023.

NUNES, Rosana Helena; SANTCLAIR, Dllubia; SILVA, Kleber Aparecido da. Freire e o legado para a educação brasileira: entrevista póstuma. **Filos e Educ.**, Campinas, SP, v.13, n.2, p.2397-2418, maio/ago.2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8665854/27446>. Acesso em: 3 dez.2024.

SANTOS, Danielle Fernandes Amaro dos; CASTAMAN, Ana Sara. Metodologias ativas: uma breve apresentação conceitual e de seus métodos. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 334–357, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/20185>. Acesso em: 3 jan. 2024.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; GERALDINI, Alexandra Flogi Serpa. Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, 26 jun. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189154955008.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Sobre a autora

Graduada em Licenciatura plena em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora no Colégio Estadual de Paramirim-BA.

Anexo: Termo de Autorização de Disponibilidade.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS DA UNIVASF – SIBI**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIDADE DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DA UNIVASF

IDENTIFICAÇÃO DO TIPO DE DOCUMENTO

() Tese (X) Trabalho de conclusão de curso de Pós-graduação()
Dissertação () Trabalho de conclusão de curso de Graduação

IDENTIFICAÇÃO DO AUTOR E DO DOCUMENTO

Nome completo do Autor: Carmita Luzia Tomaz

Graduação/Pós-graduação: Especialização em Metodologias AtivasNome do

Orientador: Fabricio Carvalho da Silva

Título do documento: Metodologias ativas na educação: Concepções dialógicas no processo de emancipação humana

Material adicional (SE HOUVER): () Fotografia () Vídeo () Produto Final

Outro (especificar) _____

AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NA BIBLIOTECA DA UNIVASF

Autorizo a Universidade Federal do Vale do São Francisco – Univasf, a divulgar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o documento supracitado, de minha autoria, na Biblioteca da Univasf para fins de leitura e/ou impressão pela Internet.

Tanque Novo, BA, 19/01/2024

Documento assinado digitalmente
gov.br CARMITA LUZIA TOMAZ
Data: 19/01/2024 17:08:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do autor ou seu representante legal

AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NA BIBLIOTECA DA UNIVASF

Documento confidencial? (X) Não () Sim – Justifique:

Em caso de documento confidencial, informe a data a partir da qual poderá ser disponibilizado na Biblioteca da Univasf: _____/_____/_____

Assinatura do Orientador: _____

Documento assinado digitalmente
gov.br FABRICIO CARVALHO DA SILVA
Data: 01/02/2024 21:44:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>